



Prefácio

Macrometrópole Paulista e mudanças climáticas: resiliência e reparação social

Cada vez mais é necessário articular escalas diferentes para analisar fenômenos complexos, como é o caso da Macrometrópole Paulista. Distintos processos ao longo do tempo produziram uma teia urbana que expressa o passado e suas desigualdades sociais não resolvidas por uma vasta área na qual convivem diferentes pessoas que atuam em lugares específicos que podem ou não estar articulados. Parte dos lugares interagem em nós globais, enquanto outros estão circunscritos ao país, a uma escala regional ou aparentemente segregados, quando, na verdade, são resultado dos demais nós.

Para compreender essa trama, é preciso analisar processos históricos e sua repercussão na produção do espaço geográfico, que acumula materialidades técnicas e tecnológicas que interagem com uma população diversificada e socialmente desigual. O resultado desta gama de temporalidades pretéritas deve ser problematizado à luz do maior desafio que se apresenta aos que vivemos no tempo presente: as mudanças climáticas e seus efeitos.

Compreender uma área que concentra grande parte da população do estado de São Paulo, sua principal base de produção industrial e a maior concentração populacional do Brasil é um enorme desafio que só pode ser enfrentado por uma equipe interdisciplinar, como a presente nesta obra, expressa na organização e autoria dos capítulos. Acrescentem-se os efeitos das mudanças climáticas para chegar, com o perdão do trocadilho, à tempestade perfeita. Entender a macrometrópole e as alterações causadas pelo aquecimento global nesta parcela do Brasil oferece riscos e desafios em termos acadêmicos e políticos, que podem resultar em propostas para reparar as desigualdades sociais, ao mesmo tempo em que aumenta a resiliência da parte mais rica do estado de São Paulo, ou, reforçar a estrutura segregacionista que ainda predomina. Os textos deste livro apostam na primeira alternativa.

Enfrentar esta enorme demanda leva a combinar o passado com a incerteza que os cenários futuros apontam. Afinal, qual patamar de alterações nos sistemas bio-geofísicos será possível edificar por meio das rodadas da ordem ambiental internacional das mudanças climáticas? As metas voluntárias acordadas em Paris, em 2015, estão muito aquém do que é preciso reduzir de emissões de gases de efeito-estufa. Nem mesmo o importante debate intergeracional, pautado por jovens combativos como Greta Thunberg, parece sensibilizar políticos que decidem quanto vai diminuir, ou não, as emissões de seu país.

Em termos de mudanças climáticas, a única certeza é a incerteza. Planejar o futuro torna-se difícil, posto que parâmetros fundamentais estão pouco consolidados. Neste sentido, recomendo a leitura do capítulo “Planejamento na Macrometrópole Paulista: balanço de pesquisas e temas emergentes”, que têm, no conjunto de autores, a geógrafa Kátia Canil, professora da Universidade Federal do ABC, que nos deixou ao longo da produção deste livro, o que merece registro dado seu compromisso com a atuação crítica e consequente para a mitigação de processos socioambientais em áreas urbanas, inclusive no enfrentamento de situações de risco, como expresso em outro capítulo no qual também colaborou como autora.

Apesar da incerteza, encontra-se hoje uma série de conceitos norteadores que já conseguiram estabelecer alguns consensos que auxiliam o diagnóstico da crise que estamos imersos. Eles são úteis para analisar processos localizados na Macrometrópole, como indicam os capítulos da obra. Temas como justiça climática, segurança hídrica, vulnerabilidade socioambiental e capacidade de adaptação, serviços ecossistêmicos, governança ambiental, riscos urbanos, resiliência, entre outros destacados nos capítulos a seguir, são fundamentais para buscar alternativas para enfrentar os desafios que estão diante desta geração, que já sente os efeitos das alterações climáticas que vão afetar ainda mais as gerações futuras. Além disso, o livro contém uma importante discussão sobre alternativas de geração energética, fundamental para a transição para uma sociedade de baixa emissão de carbono ao apontar como o aproveitamento de fontes alternativas pode viabilizar um novo modelo de organização social, ao descentralizar as fontes de geração energética.

Discutir processos sociais e ambientais na porção que concentra a maior parte da atividade econômica paulista e brasileira é fundamental

para preparar o estado e o país para a necessária transição para uma sociedade moldada em outras bases. Uma nova sociedade deverá orientar-se por mais inclusão social e respeito a processos naturais que, desestabilizados pela ação das camadas dominantes, podem agravar riscos e situações de vulnerabilidade social, em especial entre os de renda mais baixa, vítimas recorrentes de alagamentos, enchentes, escorregamentos de vertentes, entre outros problemas, cujas causas são sociais.

Como o passado deixou na macrometrópole paulista uma elevada desigualdade social, as respostas aos efeitos das mudanças climáticas podem representar alternativas para reparar a injustiça socioespacial presente no território. Trata-se de uma oportunidade para edificar a resiliência associada à reparação social. Este livro, ao diagnosticar o quadro e apontar alternativas, contribui para este processo.

Wagner Costa Ribeiro

Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana

Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental

Professor Titular do Departamento de Geografia,

Universidade de São Paulo